

oriente médio

O caminho de Abbas

O recém-eleito presidente da ANP tem uma rota diferente para chegar ao Estado palestino. Mas a trilha que escolheu traz muitos riscos e pode fazê-lo esgotar rapidamente o crédito político de que dispõe

Armando Sartori

Mahamoud Abbas, o Abu Mazen, presidente da Autoridade Palestina eleito na primeira quinzena de janeiro, empenhou vários dos dias que se seguiram à sua escolha em negociações com os grupos militantes palestinos da Faixa de Gaza para tentar convencê-los a parar os ataques contra Israel. Com isso ele pretendia apresentar aos israelenses um gesto de boa-vontade, para persuadi-los a retomar as conversações e tentar reavivar as negociações de paz que, espera, levem à criação de um Estado palestino. Obteve sucesso em seu primeiro passo: praticamente todas as organizações armadas concordaram em suspender temporariamente os ataques, com a condição de que os israelenses parassem suas operações de assassinato seletivo de militantes e retirassem seus militares das cidades administradas pelos palestinos na Cisjordânia. Durante vários dias não houve ataques contra israelenses, algo inimaginável para quem acompanha o dia-a-dia da região.

Um episódio ocorrido no final de janeiro, no entanto, mostrou quão frágil pode ser o acordo obtido por Abbas (na imagem acima, com o microfone, comemorando sua eleição).

Norhan Deeb, uma palestina de 10 anos, foi alvejada na cabeça por um tiro quando estava na escola administrada pelas Nações Unidas no campo de refugiados de Rafah, Faixa de Gaza, na fronteira com o Egito. O disparo mortal foi atribuído por testemunhas a militares israelenses, que se encontravam a cerca de 600 metros do local. O governo de Israel, no entanto, disse não ter conhecimento do episódio e que investigaria o caso com o auxílio dos palestinos.

Reação e represália Horas após o incidente, a reação mais ou menos esperada ocorreu: militantes do Hamas dispararam obuses contra assentamentos judaicos na Faixa de Gaza, atingindo uma casa na colônia de Neve Dekalim, sem no entanto matar ou ferir ninguém. Um porta-voz do movimento disse que os grupos militantes palestinos retomariam os ataques se Israel realizasse outras ações como a que matou a menina. Em aparente represália, o governo israelense anunciou então uma mudança num acordo feito anteriormente com os palestinos: iria atrasar a retirada dos militares que ocupam cinco cidades na Cisjordânia. Pelos termos acertados então, a saída

ocorreria de uma só vez. Após o incidente, os israelenses disseram que iriam deixar um local de cada vez.

O episódio, no entanto, não foi suficiente para desmanchar o acordo costurado pelo presidente palestino. Tanto que os dois lados definiram que Abbas e o primeiro-ministro israelense, Ariel Sharon, iriam encontrar-se no Egito na segunda semana de fevereiro.

De certa forma, a precariedade do cessar-fogo informal obtido por Abbas é algo com que os grupos militantes palestinos já contavam. De acordo com a revista britânica *The Economist*, para eles o que foi acertado não era uma *hudna* (cessar-fogo), mas apenas uma *tahde'a* (calma, tranqüilidade). Um cessar-fogo dependeria não de Abbas, mas essencialmente de Israel, que precisaria atender a reivindicações como a libertação dos milhares de prisioneiros palestinos que mantêm em suas cadeias para alcançá-lo.

Nas negociações que mantiveram com Abbas, segundo a revista, os militantes não colocaram a trégua como sua principal prioridade, basicamente porque não acreditam que Israel vá respeitá-la. O que os militantes escreveram no topo de sua

agenda foi a reforma das instituições palestinas e uma redistribuição do poder político na ANP. Nesse sentido, o Hamas é, desses grupos, com exceção do Fatah, ao qual pertence o próprio Abbas, o que tem mais cacife. O movimento, além da atuação paramilitar, já era conhecido por suas ações no campo social (ver **Assistencialista, militante ou terrorista?** nesta página). Agora, se deu bem nas eleições dos conselhos palestinos realizadas no final de janeiro. Segundo as primeiras estimativas, o movimento obteve 75 cadeiras de um total de 118 que estavam em disputa na Faixa de Gaza – em 10 cidades onde foram eleitos os conselhos, 7 ficaram sob seu controle. Para se ter uma idéia, o segundo colocado foi o Fatah, que conseguiu eleger apenas 26 representantes.

As principais preocupações de or-

ganizações como o Hamas parecem, pelo menos em parte, coincidir com as do próprio Abbas: como eles, o presidente tem como uma de suas mais altas prioridades “arrumar a casa”. E até mesmo na questão da violência, Abbas e os militantes podem ter algum tipo de acordo, como o estabelecido. Nesse aspecto, no entanto, a concordância entre eles só pode ser parcial: o presidente palestino manifestou diversas vezes sua discordância quanto ao uso da violência no atual estágio da luta. Abbas acha que a violência empregada na segunda Intifada, iniciada em setembro de 2000, trouxe pouco benefício aos palestinos.

As razões de Abbas Vista a questão sob certo ângulo, ele parece ter razão: desde o início do movimento, entre 3 e 4 mil palestinos morreram, contra

1.000 israelenses. Nesse período, em consequência da repressão israelense, as condições de vida dos palestinos que vivem na Cisjordânia e na Faixa de Gaza caíram dramaticamente. Ao mesmo tempo, os atentados cometidos pelos grupos militantes contribuíram para isolar a ANP internacionalmente. A avaliação de que a Autoridade Palestina foi constituída de forma pouco democrática, desorganizada e corrupta generalizou-se entre os antigos aliados europeus, a despeito das evidências de que grande parte desses defeitos estão relacionados às péssimas condições sob as quais a entidade atua devido à ação de Israel.

É claro que nessa avaliação falta considerar algo essencial: foi a resistência armada que levou aos Acordos de Oslo de 1993, quando Israel reconheceu pela primeira vez o direito a um Estado palestino independente. Essa noção parece estar presente na população palestina mesmo hoje, apesar de todo o sofrimento dos últimos anos: uma pesquisa realizada no final do ano passado pelo Centro Palestino para Política e Pesquisa mostrou que quase dois terços dos entrevistados acham que a violência realizou mais que as negociações. E três quartos deles opinaram que foi a violência que forçou Sharon a apresentar seu plano de retirada unilateral da Faixa de Gaza, prevista para ocorrer em meados deste ano.

Como explicar, então, que o pacifista Abbas tenha sido eleito por uma margem tão grande na eleição presidencial do início de janeiro – ele obteve 62,5% dos votos, contra 19,5% do segundo colocado?

Isso não pode ser atribuído somente ao fato de que

Abbas, como dizem Hussein Agha e Robert Malley em artigo publicado recentemente na revista *The New York Review of Books*, pertence a uma espécie rara, da qual Arafat também fazia parte – a dos palestinos genuinamente nacionalistas. O que parece ter pesado realmente para a vitória de Abbas é que 81% dos palestinos, embora desconfiem profundamente de Sharon, dizem querer a reconciliação com Israel. E para

Assistencialista, militante ou terrorista?

O Hamas é considerado por EUA, Canadá, Israel e a União Européia, entre outros, como uma organização terrorista. Quando se tem em mente as centenas de vítimas israelenses, em grande parte civis, mortas em atentados praticados pelo grupo, parece uma classificação correta. Mas, sob esse ponto de vista, o que se pode dizer de Israel, que certamente é responsável por tantas ou mais mortes de civis palestinos? O Hamas, acrônimo de Harakat al-Muqawamah al-Islamiyyah (Movimento de Resistência Islâmica) é uma organização política e paramilitar. Suas origens estão nos anos 1970, quando surgiu como um movimento político-social inspirado pela Irmandade Muçulmana do Egito. Pouco depois, foi oficialmente registrado e reconhecido por Israel, que inicialmente o apoiou e encorajou, num esforço para enfraquecer o Fatah, movimento de caráter secular. Em meados da década seguinte passou a ser controlado pela facção liderada pelo xeque Ahmed Yassin [ao lado] (assassinato em março de 2004 pelos israelenses).

O acrônimo “Hamas” é de 1987, quando eclodiu a primeira Intifada. O uso da violência surgiu para punir os palestinos acusados de colaborar com Israel, estendeu-se aos alvos militares israelenses e, mais tarde, voltou-se também contra os civis. Dado que a convocação militar é universal em Israel e que todos os cidadãos israelenses passam ao menos parte de suas vidas como reservistas, o Hamas considera todos eles como alvos legítimos, inclusive os que não exercem atividades militares. Seu principal braço armado, as Brigadas Izz el-Din al-Qassam, conduziu muitos ataques, incluindo os realizados por homens-bomba, que produziram centenas de vítimas civis israelenses entre 2000 e 2004.

O Hamas tem dezenas de milhares de apoiadores e simpatizantes, especialmente na Faixa de Gaza, graças às suas atividades paramilitares e às operações de caridade e de prestação de serviços sociais aos pobres. O movimento dedica-se a combater a ocupação israelense da Palestina – para o Hamas, o território palestino inclui Israel, a Cisjordânia e a Faixa de Gaza, ocupadas pelos israelenses. Mas, um documento divulgado recentemente pelo grupo indica que pode estar ocorrendo uma importante mudança de posição: nele, pela primeira vez o Hamas reconhece as fronteiras israelenses de 1967.



alcançar esse objetivo nas atuais circunstâncias Abbas parece ser o nome mais adequado. Além disso, os palestinos sentiram que precisam desesperadamente manter a unidade. É dessa forma que se pode interpretar, por exemplo, o gesto de Marwan Barghouti, líder da “jovem guarda” do Fatah que se encontra preso em Israel, e que preferiu desistir de sua candidatura presidencial apesar de as pesquisas pré-eleitorais mostrarem que ele era amplamente preferido pelos eleitores, superando até Abbas por larga margem.

Abbas vai certamente usar o crédito que os palestinos lhe deram para colocar em prática suas idéias. Acabando com a violência e reorganizando a ANP, ele buscaria credenciar-se perante o mundo, especialmente os EUA, o principal aliado de Israel. Eliminando os principais pretextos apresentado por Sharon para não negociar, ele contaria então com a pressão internacional para empurrar o líder israelense às conversações.

Para muitos palestinos, no entanto,

Abbas é bem diferente. Ela se escora em sua longa experiência com os diversos grupos israelenses, com quem mantém contato cada vez mais amplo desde meados dos anos 1970. “Ele concluiu que a sociedade israelense é, ao mesmo tempo, intrigantemente complexa em suas divisões e extremamente simples em suas aspirações, que são a obtenção da normalidade e da segurança. Se se oferece isso, os israelenses, em sua visão, poderiam se dispor finalmente a fazer as concessões requeridas para uma paz estável e justa”, dizem os autores.

Ceder muito, receber pouco Um dos graves riscos que corre Abbas é o de que, a despeito de todas as concessões e reformas que faça, sua tática se baseia em algo que não pode controlar: a disposição internacional, especialmente dos EUA, de pressionar Israel – e a de Sharon, de atender às pressões. Ao final, Abbas pode acabar cedendo muito em troca de muito pouco.

Uma evidência de que essa é uma

da cerca que erguem na Cisjordânia. Tal comportamento pode refletir, ao menos em parte, a heterogênea composição do governo israelense. O líder trabalhista Shimon Peres, vice-primeiro-ministro, por exemplo, pede a retirada das tropas das cidades da Cisjordânia e o relaxamento das restrições aos movimentos dos palestinos. Já Benyamin Netanyahu, que pertence ao Likud, de Sharon, ministro de Finanças, diz não ver razão para qualquer concessão.

The Economist avalia que diante de tal divergência pode ser que Sharon não possa, mesmo que queira, fazer maiores concessões até que conversações formais de paz com os palestinos sejam retomadas. Mas, diz a revista, o líder israelense pode não se dispor a começar a conversar mais seriamente até que tenha realizado a planejada retirada de todas as tropas e colonos de Gaza e de parte da Cisjordânia. Aí também há problemas: apesar de a maioria dos israelenses ser favorável à retirada, e os trabalhistas, que se juntaram ao governo no início de janeiro, também, Sharon ainda enfrenta a oposição do movimento dos colonos e de seus apoiadores políticos, entre os quais se incluem alguns likudistas.

É por isso, diz a revista, que gente como Zalman Shoval, um dos conselheiros do primeiro-ministro, tem procurado baixar as expectativas. Em declaração à agência de notícias *Reuters* no final de janeiro, ele, evidentemente, procurou responsabilizar os palestinos pelos problemas – disse duvidar que Abbas tenha a oferecer muito mais do que o próprio Arafat nas negociações. Por essa razão, segundo ele, não há perspectiva de que a atual geração de líderes, tanto palestinos quanto israelenses, chegue a um acordo final de paz.

Se esse quadro se confirmar a despeito dos esforços e das concessões que Abbas parece disposto a fazer, é provável que o crédito que ele acumulou junto à sua gente se esgote rapidamente. Em meados deste ano, quando o congresso do Fatah deve se realizar, será possível avaliar com mais precisão se o homem que Agha e Malley chamam de o último nacionalista palestino achou ou não o caminho das pedras. ■



As divergências no gabinete israelense podem ser uma pedra no caminho de Abbas: o trabalhista Peres (à dir., com Sharon) quer mais concessões, mas há likudistas que são contra

trata-se de um movimento de alto risco: eles acham que quem militarizou o confronto foi Israel. A prova é que nas primeiras semanas da segunda Intifada, a esmagadora maioria de vítimas foi palestina, não israelense. Se os palestinos pararem de combater, eles podem se desarmar unilateralmente, acabando com toda a pressão para que Israel negocie, dizem. Segundo Agha e Malley, a visão de

possibilidade muito concreta são os pequenos sinais de boa-vontade que os israelenses deram nos últimos tempos. Em dezembro, por exemplo, libertaram apenas 159 dos 7 mil ou mais palestinos que mantém presos. E em janeiro, enquanto anunciavam a reabertura parcial de um posto fronteiro entre Gaza e o Egito, fechado desde dezembro, retomaram a construção de um dos mais controversos trechos